



Primavera nos dentes: fuga e resistência na era digital

Spring in your teeth: escape and resistance in the digital era

Solange Puntel Mostafa *

Denise Viuniski da Nova Cruz **

Igor Soares Amorim ***

RESUMO

Big data é um fenômeno que coloca novos desafios para diversos profissionais, entre eles o cientista da informação. No capitalismo contemporâneo, a gestão de enormes conjuntos de dados digitais é imprescindível à garantia ou manutenção do poder. Problematisa as formas de resistências compreendidas como contrapoder ou contrainformação. Para isso, aborda as implicações sociais e políticas do *big data*, destacando possibilidades de apropriação dos dados pela arte e pela filosofia, capazes de gerar linhas de fuga. Aproxima as noções de *big data* e de sublime kantiana para, então, conceber o conceito filosófico de devir sublime enquanto o que resiste e difere na nova dinâmica de saber-poder.

Palavras-chave: *Big Data*; Metadado; Contrainformação; Devir-Sublime.

ABSTRACT

Big data is a phenomenon that poses new challenges to various professionals, including information scientists. In contemporary capitalism managing huge collections of digital data seems to be essential to ensure or maintain power. This article discusses forms of resistance understood as counter-power or counter-intelligence. To do so, it addresses social and political implications of big data, highlighting data as possible objects of art and philosophy, capable of generating lines of flight. It also considers joining the notions of big data and the Kantian sublime to propose a philosophical concept of becoming-sublime as that which resists and differs in the new dynamics of knowledge-power.

Keywords: Big Data; Metadata; Counter-Information; Becoming-Sublime

Quem tem a força de saber que existe

E no centro da própria engrenagem

Inventa a contramola que resiste

João Apolinário – Secos & Molhados.

* Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora livre-docente da FFCLRP, Universidade de São Paulo. Endereço: Av. Bandeirantes, 3900, Monte Alegre, CEP 14040-901, Ribeirão Preto, SP. E-mail: smostafa@terra.com.br.

** Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Itajaí, SC. Professora da Universidade do Vale do Itajaí, SC. Endereço: R. Uruguai, 458, Bloco 27/ Térreo, Centro, CEP 88302-901, Itajaí, SC. E-mail: denisenovacruz@gmail.com.

*** Graduado em Ciências da Informação, Documentação e Biblioteconomia pela Universidade de São Paulo. Professor do Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de Santa Catarina. Endereço: R. Lauro Linhares, s/n, Trindade, CEP 88040-900, Florianópolis, SC. E-mail: amorim.igors@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Em palestra recente proferida em Florianópolis, SC, em comemoração aos 50 anos da Universidade Estadual de Santa Catarina (Udesc) o sociólogo Manoel Castells discorreu sobre poder e contrapoder; vigilância e contravigilância na era digital (2015a).¹ No final de sua exposição, a primeira pergunta que lhe foi dirigida cogitava como o Estado poderia intervir para que os espaços públicos se tornassem verdadeiros espaços de expressão das singularidades. Em resposta contundente, o sociólogo afirmou que não é função nem desejo do Estado propiciar expressão de singularidades. Para Castells, na sociedade contemporânea, os dois maiores marcadores do poder são o Estado e o mercado.

Diferentemente de outras épocas, nas quais os mecanismos de imposição de poder eram a força e a coerção, os agentes interessados no poder na sociedade contemporânea utilizam-se da persuasão sobre os indivíduos, compondo um cenário social programado. Dessa forma, os indivíduos cumprem papéis pressupostos pelo capitalismo atual (mercado e Estado), ignorando desejos próprios, singularidades e individualidades. Porém, sempre acreditando estar agindo e produzindo ou se relacionando por livre iniciativa e livre arbítrio.

Ora, se a persuasão e a formatação de desejos que aparentam ser individuais, e que na verdade representam interesses, desejos, agenciamentos de algo muito maior e muito acima do sujeito que se pensa livre; então, a informação, os dados, os fluxos destes, sua análise e aplicação, tornam-se centrais no aparelhamento dos agentes do poder contemporâneo. A informação, destarte, é parte vital dos processos de sujeição e servidão maquínica identificadas por Gilles Deleuze e Félix Guattari nesta fase do capitalismo contemporâneo.

A informação na era digital é sempre um artefato de muitas mãos. Configuram-se novos elementos hoje na relação saber-poder, como resultado da economia informacional, em que o dado é poder. Isso porque, produzido em tempo real, a acumulação desses dados cresce geometricamente, fazendo surgir expressões como enxurrada ou avalanche de dados para nomear o fenômeno *big data*. É preciso ressaltar, ainda, que além da capacidade de produção exponencial de dados, a velocidade de processamento, interpretação, transmissão e aplicação da informação constitui um novo – ainda a ser explorado – campo de conhecimento. Conhecimento, aliás, afeito ao campo de pensamento do cientista da informação inserido na contemporaneidade digital.

BIG DATA

O problema referente ao *big data* remete aos conjuntos de dados que, devido ao volume e velocidade de crescimento, dificultam seu tratamento e análise pelos meios tradicionalmente conhecidos. Portanto, a intenção é utilizar ferramentas que possibilitem a gestão eficiente de uma gama de dados, inferindo significados. O *big data* apresenta três dimensões: a) volume: referente à produção de dados feita por humanos e máquinas na rede; b) variedade: diz respeito aos tipos de dados que podem nascer nas diversas redes sociais, em *sites* governamentais, *e-mails*, *e-commerce*, etc.; c) velocidade: relacionado à velocidade com que os dados são

¹ Aula realizada em 14 de maio no teatro Pedro Ivo (Florianópolis – SC) em comemoração aos 50 anos da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc).

gerados (CAMARGO-VEJA; CAMARGO-ORTEGA; JOYANES-AGUILAR, 2015). Sua aplicação depende de um conjunto de tecnologias destinadas à captura, armazenamento, tratamento e exposição dos dados, processos que evidenciam as relações do *big data* com a ciência da informação.

Excelentes análises têm sido realizadas sobre o fenômeno *big data* por cientistas da informação e outros profissionais, a exemplo de Frohmann (2008), Pimenta (2013) ou Ribeiro (2014). O problema de nossa teorização, mais do que a análise do fenômeno em si, é encontrar as formas de resistência ou, no dizer de Deleuze, “novas armas”, pois estamos diante das “sociedades de controle que estão substituindo as sociedades disciplinares” (DELEUZE, 1992b, p. 219). Sem as repressões coercitivas das antigas sociedades disciplinares, nessa sociedade o controle se dá sob formas “ultrarrápidas” e ao “ar livre”, porém, a nós “não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas” (DELEUZE, 1992b, p. 219).

Para Castells, assim como a mídia impressa e a televisão, a internet é financiada pela publicidade. Esse modelo de negócio se baseia na oferta de serviços “gratuitos” por empreendimentos como o Google ou Facebook, que, no contato com seus usuários, capturam dados vendáveis às diferentes empresas com interesses de *marketing*. Ao final, tais serviços são pagos com dados pessoais (CASTELLS, 2015a).

Talvez o trecho mais pertinente do pequeno texto sobre a sociedade de controle seja a percepção de Deleuze (1992b) sobre a transformação das pessoas em amostras, dados, mercados ou bancos – tanto quanto a transformação dos indivíduos em “dividuais”, isto é, aqueles que podem ser divididos ou fragmentados. Como afirma Pimenta, “tornamo-nos sensores humanos graças ao uso de aparelhos inteligentes que, conectados à ‘nuvem’, nos tornam emissores de dados em tempo real com uma velocidade inequívoca” (2013, p. 8).

Na análise de Deleuze, cada sociedade tem suas próprias máquinas que exprimem forças sociais. São essas forças que geram e dotam as máquinas de uma finalidade específica: tornarem-se alavancas e roldanas nas sociedades de soberania, máquinas energéticas nas sociedades disciplinares e máquinas informáticas na nossa sociedade contemporânea (DELEUZE, 1992b, p. 131). Isto porque as mudanças tecnológicas ocorrem em conjunto com as mudanças nos processos econômicos. Já não se vive um capitalismo de produção, mas um capitalismo do produto/serviço, focado no mercado, e por isso disperso. Tudo entra na lógica da empresa, e o *marketing* passa a ser instrumento de controle social. O homem contemporâneo é um homem endividado, o que constitui um novo regime de dominação que se efetua pela fragmentação dos indivíduos numa continuidade de processo-vigilância.

Temos vivenciado vários exemplos dessa vigilância através das redes sociais e dos meios de comunicação. Os telefones celulares, curiosamente chamados de *smartphones*, que quase todos portamos, permitem às lojas oferecerem cupons de desconto, tão logo circulemos em suas proximidades, fenômeno do *e-couponing* relatado em Ribeiro (2014, p. 99), tipificando os negócios direcionados. O comércio eletrônico tornou usual a ampliação das compras por meio dos sistemas de recomendação, de tal forma que a compra de um livro em qualquer livraria virtual compreende a visualização de uma lista de outros livros associados. Mais que isso, somos informados sobre aqueles que compraram o mesmo livro e os outros livros comprados por eles.

Outro exemplo de direcionamento maquínico é o poder de utilização dos *likes* das redes sociais: uma publicação ou comentário capaz de receber 300 ou 3.000 *likes* pode ser um dado precioso a ser manipulado pelos agentes no mercado, seja em

preferências gastronômicas, literárias, de viagens etc. Chega a ser temerário supor que uma manipulação direta sobre estes *likes* (ou *dislikes*) possa – até, quem sabe – alterar o humor, o afeto, as tendências, as iniciativas, os desejos e as decisões das pessoas conectadas em redes. Redes, importante salientar, que incluem num mesmo espaço-tempo (ou fora do espaço, fora do tempo) – de forma inédita na história da humanidade – todos os atores envolvidos nos processos constituintes do poder: aquele que produz, o que gerencia, quem utiliza, quem interpreta tudo isso, quem ganha e quem pode perder – todos enredados num mesmo, novo e grandioso sistema informacional.

Em outra oportunidade, Castells (2015b) atesta que 97% da informação do planeta está digitalizada, e somos nós que a produzimos, por meio da internet e redes de comunicação, em simples mensagens ou no preenchimento de cadastros variados, o que faz com que nossas vidas se transformem em registro digital. Muitas vezes sem consciência, e outras vezes conscientemente, produzimos históricos variados de nosso acontecer no mundo. Pela grandiosidade contemporânea do sistema digital, sua instantaneidade e capacidade de processamento, novos agenciamentos maquínicos de poder se constituem a todo tempo. Quem detém os dados tem poder; quem os processa, interpreta, analisa e aplica também tem poder. São os casos das empresas e governos que se utilizam da mineração de dados; mas aquele com um aparelho celular ou um *notebook* conectado à rede e que produz, informa, comunica em tempo real – enquanto vive – passa a ter aquilo que Castells (2015a, 2015b) chama de contrapoder da era digital.

O sociólogo se pergunta:

Como evitar ser vigiado ou vendido? Os criptoanarquistas confiam na tecnologia. Vã esperança, para as pessoas normais. Os advogados, na justiça. Batalha árdua e lenta... E o indivíduo? Talvez mudar por si mesmo: não utilize cartões de crédito, comunique-se em cibercafés [...].

Como se fôssemos protagonistas de filme de suspense, Castells sugere, ironicamente, que liguemos de telefones públicos, frequentemos cinemas e *shows in loco*, em vez de baixar filmes ou música. “E se isso for muito pesado, venda seus dados ao invés de doá-los – como propõem pequenas empresas que agora proliferam no Vale do Silício [...]” (CASTELLS, 2015b).

É nesse sentido de controle que Deleuze compreende a comunicação-informação. A comunicação é transmissão e propagação da informação, afirma Deleuze. E “uma informação é um conjunto de palavras de ordem. Quando nos informam, nos dizem o que julgamos que devemos crer. Em outros termos, informar é fazer circular uma palavra de ordem” (DELEUZE, 1999 p. 10). É uma questão de ordem, isto é, de fazer crer e obedecer. Para isso são necessários os protocolos e as normas, vislumbra-se acima de tudo o controle:

Um controle não é uma disciplina. Com uma estrada não se enclausuram pessoas, mas, ao fazer estradas, multiplicam-se os meios de controle. Não digo que esse seja o único objetivo das estradas, mas as pessoas podem trafegar até o infinito e “livremente”, sem a mínima clausura, e serem perfeitamente controladas. Esse é o nosso futuro (DELEUZE, 1999, p. 12).

Vigilância e controle abrangente tipificam o cenário de nossas sociedades, tanto na vida cotidiana quanto na ciência e na tecnologia, que passou a produzir dados em tempo real (SARACEVIC, 2010). Como esclarece a apresentação de Santos (2014) com

relação às pesquisas de petróleo em águas profundas na Petrobrás: "Big data is not just historic business intelligence, it's the addition of real-time data and the ability to mash together several data sets that makes it so valuable".

Na área de medicina, acumulam-se os exemplos do uso da metodologia do *big data*, seja para orientação estratégica à cobertura dos seguros de saúde, como é o caso reportado por Carneiro (2013), ou o estudo de *crowdsourcing* com milhares de imagens do cérebro de pacientes, relacionando, por exemplo, genes ao tamanho do cérebro (REGALADO, 2015).

Se antes as nossas conversas banais e nossos cantos feitos de palavras, gestos e sons desapareciam, hoje "tudo pode ser registrado e preservado [...] todo crime cometido numa loja, elevador ou via urbana; cada vulcão ou tsunami na praia mais remota; cada carta jogada ou peça movida numa partida disputada *on-line*; cada trombada numa partida de rúgbi [...]" (GLEICK, 2013 p. 405), transformando o mundo numa imensa base de dados.

Mergulhados num grande volume de dados, produzidos exponencialmente, pois sempre é possível obter mais dados a partir dos dados existentes, o fenômeno lembra as análises de Castells dos anos 1990, quando o sociólogo distinguia a revolução tecnológica atual das precedentes, e tal distinção estaria baseada no fato de que essa é uma revolução das tecnologias de informação e comunicação; tal especificidade teria um pressuposto: a informação seria agora não um mero fator de produção, mas insumo e produto do processo produtivo (CASTELLS, 1999).

A tecnologia não seria apenas conhecimentos aplicados, mas ela agiria na produção de mais informações e conhecimentos, que outra vez ajudariam a desenvolver outros dispositivos informacionais e tecnológicos. O informacionalismo seria para o autor um novo modo de desenvolvimento, e não se confundiria com o modo de produção, ainda capitalista. O que mudou não foi o tipo de atividade em que a humanidade está envolvida, mas sua capacidade de usar, como força produtiva direta, algo que é profundamente humano, aquilo que caracteriza nossa espécie como singularidade biológica, que é a capacidade humana superior de processar símbolos.

Castells (1999) com a *Sociedade em rede* e Deleuze (1992b) no pequeno texto sobre a sociedade do controle traziam luz, nos anos 1990, sobre nossas relações com as tecnologias e com as estruturas sociais que as geram; ao mesmo tempo que as tecnologias alteram a vida dos homens, eis que o modo como os homens as vivenciam também altera as tecnologias, numa via de mão dupla.

As teorizações de Castells e Deleuze, comparadas, vão concordar que vivemos em uma rede de "geometria variável", cuja linguagem é numérica, sendo o lócus da produção não mais a fábrica, mas a empresa (Deleuze dirá que a empresa tem alma, é um gás); e, portanto, o modo de produção está mais voltado para o produto (o mercado) do que propriamente para o processo de produção: diferencia-se mais o produto do que o processo de produção. E entre os produtos diferenciados da contemporaneidade, estão os dados sendo gerados ininterrupta e exponencialmente e, como atesta Pimenta (2013, p. 6), "[...] capazes de gerar metadados que, conectados à rede mundial de computadores, podem ser processados de maneiras diversas a produzirem mais e mais informações".

Castells caminha de uma visão informacional dos anos 1990 para uma sociedade da vigilância na contemporaneidade. Àquela capacidade humana superior de processar símbolos, Félix Guattari agrega o conceito de máquina, o que faz Lazzarato (2014) falar em signos, máquinas e subjetividades.

Inspirado na leitura de *Mil platôs*, de Gilles Deleuze e Félix Guattari, e de *A revolução molecular*, de Felix Guattari, Maurizio Lazzarato analisa a sujeição social e a servidão maquínica, apontadas por Deleuze e Guattari, como diferentes maneiras de produção de subjetividades nessa fase do capitalismo. Enquanto a sujeição nos dá pertencimento de grupo ou de classe, bem como identidade sexual, profissional, religiosa, e, assim, torna-nos indivíduos situados na divisão social do trabalho, a servidão, ao contrário, dissolve o indivíduo, fragmentando-o em “dividuais”, isto é, em partes ou peças de uma grande máquina. As pessoas tornam-se dados ou peças a serem integradas a outras, constituindo o maquinismo de que fala Guattari, algo que ultrapassa o aspecto técnico das máquinas, uma vez que elas são moldadas pelas forças sociais e se modificam nesse movimento.

Para Guattari o capitalismo depende essencialmente de máquinas assignificantes e talvez essa seja a novidade trazida pela interpretação de Lazzarato em relação às revoluções do capitalismo; o autor insiste nas semióticas assignificantes típicas da servidão maquínica. Diz Lazzarato (2014, p. 39):

A sujeição social mobiliza semióticas significantes, em especial a linguagem, que se dirige à consciência e às representações com vistas a constituir um sujeito individuado (o “capital humano”), enquanto a servidão maquínica funciona a partir de semióticas assignificantes (os índices de bolsas de valores, a moeda, as equações, os diagramas, a linguagem de computador, etc.) que não passam pela consciência e pelas representações e não têm como referente o sujeito.

Dos cientistas da informação, Frohmann (2008 p. 30) é um dos primeiros na denúncia da servidão maquínica em sua análise dos enunciados digitais, enunciados sem intencionalidade, que ocorrem “fora da consciência”. Como diz Lazzarato na ergonomia, fala-se de “entrada e saída (*input* e *output*), que já nada tem de antropomórfico” (LAZZARATO, 2014, p. 32). Mas saindo da ergonomia e usando os conceitos filosóficos de Deleuze e Guattari, Lazzarato propõe que esses enunciados são híbridos, nem sujeitos nem objetos, e que vão se constituir em vetores de “protosubjetivação” ou focos de “protoenunciação”. Vale dizer, produzindo um sentido sem significado ou um sentido operacional. Isso significa uma linguagem lógico-formal capaz de exprimir instrução operativa.

Indivíduos decompostos, processos de dividações decompondo os indivíduos que agora se transformam em objetos de pesquisas, dados em protocolos, em programas, campanhas ou em políticas. Como esclarece Siqueira (2011 p. 3) “[...] o ‘divíduo’ (dividual, aquele que pode ser dividido) [...]”. Representada em dados, a vida passa a ser mais facilmente modulada, podendo ser mais bem programada e assim governada.

Pasquinelli (2013) apresenta a máquina de Turing, vale dizer, os computadores, como a forma mais concreta para analisar o capitalismo cognitivo, pois tais quais as máquinas do período industrial, as máquinas informacionais de hoje também cristalizam tensões sociais. Ao traçar breve genealogia da noção de maquínico em Deleuze e Guattari, Pasquinelli adverte para não neutralizarmos a noção de mais-valia maquínica adjacente à noção de agenciamento presente na concepção de máquina dos autores.

Assim, Pasquinelli (2013, p. 30) relaciona os algoritmos computacionais com aquela linguagem lógico-formal capaz de exprimir instrução operativa: “Os algoritmos não são objetos autônomos, mas são modelados pela ‘pressão’ das forças sociais

externas. O algoritmo deixa ver a dimensão maquínica das máquinas informacionais [...]”. Nessa análise, o autor define a sociedade em que vivemos como uma sociedade do metadado, e ela seria quase uma evolução daquela sociedade do controle descrita por Deleuze na década de 1990. Numa analogia com as máquinas industriais analisadas por Simondon (compostas de energia e informação), Pasquinelli define um novo *phylum* maquínico para as máquinas informacionais de hoje, entendendo-as como relé metainformacional, pois elas “entregam informação e metadados” (2013, p. 30).

É aqui que vemos a pertinência dessa análise ao nosso tema, pois, segundo o autor, os metadados são usados: “1) para medir a acumulação e o valor das relações sociais; 2) para aprimorar o *design* do conhecimento maquínico; 3) para monitorar e prever comportamento de massa (a propalada vigilância dos dados)” (PASQUINELLI, 2013, p. 31). No primeiro item, as relações sociais são valoradas, e o exemplo mais simples é o algoritmo do Google ao nos trazer as páginas mais citadas. Esse retorno melhora, por sua vez, a inteligência maquínica, desde o *software* até a gerência do conhecimento, a usabilidade da interface ou a logística (PASQUINELLI, 2013, p. 31). E, por fim, os metadados favorecem uma nova forma de controle biopolítico, prevendo o comportamento coletivo, em sua função de vigiar e captar o comum.

Se biopolítica é o conceito elaborado por Foucault para a sociedade industrial, com relação ao controle da natalidade, mortalidade ou longevidade, Lopes (2008, p. 181) oferece seu grande conceito para a nossa sociedade de metadados: trata-se da infopolítica, o novo saber-poder da nossa época, que controla a captura, o armazenamento e a recuperação de nossas informações pessoais ou científicas, empresariais ou comuns. A frase lapidar de Lopes para a nossa reflexão é: “[...] hoje a biotecnologia, a engenharia genética e a ciência da informação são os modelos de como as motivações econômicas e mercantis têm capturado a natureza” (LOPES, 2008, p. 182). Ao reconhecer a relevância do conceito de infopolítica e a análise marxista realizada por Lopes, precisamos abrir caminhos para apresentar o problema a partir de outros pontos de vista teóricos.

O DADO COMO OBRA DE ARTE

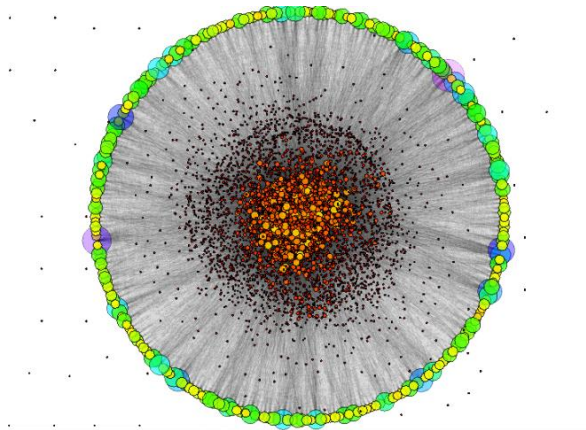
*A única oportunidade dos homens está no devir-revolucionário,
o único que pode conjurar a vergonha ou responder ao intolerável.*

Gilles Deleuze, *Conversações*, p. 211.

As humanidades digitais têm se constituído em um movimento de aproximação da ciência tecnológica dos dados informacionais com o campo das humanidades, tais como artes, história, geografia, linguística, literatura, sociologia, antropologia e filosofia. Uma possibilidade fértil dessa aproximação nos parece a visualização (apresentação, compreensão, problematização) de dados como obras de arte. Por um lado a beleza que existe na visualização de fluxos e intensidades digitais (Figura 1).² Por outro, a percepção dessas forças como afetos motrizes de outras forças, que podem vir a se constituir em linhas de fuga para a relação de poder expressa na Figura 1.

² A Figura 1 mostra gráfico elaborado com o programa Navigator, que ajuda a analisar enormes sistemas de rede. Nesse caso, o conjunto de dados resultantes da interação proteína-proteína, importante para pesquisas oncológicas.

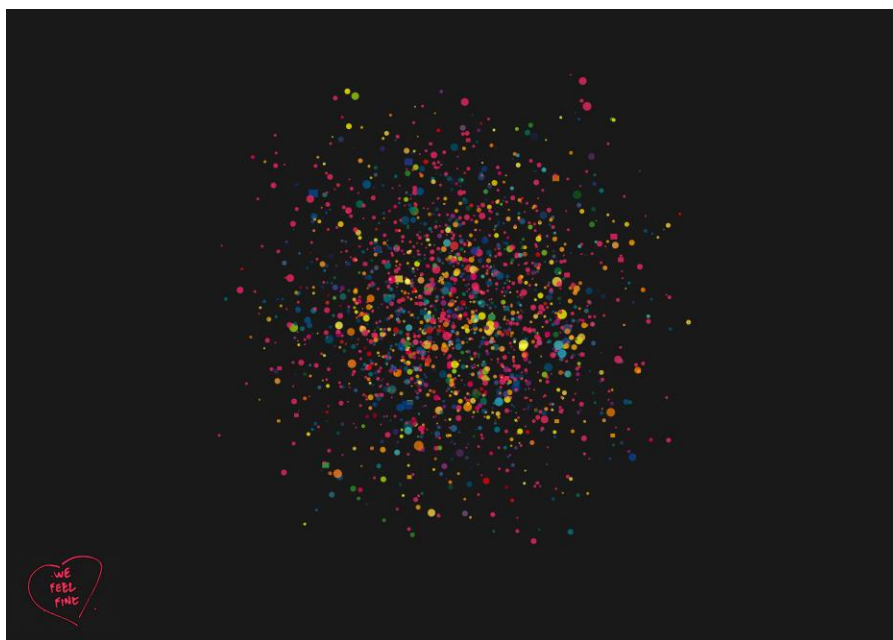
Figura 1: Visual data.



Fonte: Datanami (2014).

A proposta de Jonathan Harris e Sepandar Kamvar no projeto *We Feel Fine* (2011) vem ao encontro dessa perspectiva. Se por um lado, há essa linha molar dos dados mapeados e quantificados visando a inferências de *marketing*, os artistas se apropriam das tecnologias digitais, saindo por linhas moleculares, e assim potencializando a visualização de dados. Harris e Kamvar desenvolveram um aplicativo que captura dados de usuários de *blogs* quando estes utilizam a expressão “I feel” ou “I am feeling”, salvando tais informações em um banco de dados. Além disso, o aplicativo busca outras informações, como idade, gênero, clima (tempo), localização, data, além de imagens (representativas do usuário) nos perfis que acessam os *blogs* ou em outras redes sociais. Para cada dado (expressão de sentimento) coletado, é desenvolvido uma parte de um grande grafo, de modo a explicitar, sob variadas cores, nós e arestas, as emoções dos usuários. Cada nó disponibiliza as outras informações relativas aos perfis dos usuários e ao clima (tempo) referentes ao momento das postagens (Figura 2). Dessa forma, nas palavras dos artistas, “*At its core, We Feel Fine is an artwork authored by everyone. It will grow and change as we grow and change, reflecting what's on our blogs, what's in our hearts, what's in our minds*” (HARRIS; KAMVAR, 2006). Todavia, a resistência ou a fuga vista aqui é pela arte; porém, há outras possibilidades, sempre pelo pensamento.

Figura 2: Madness.



Fonte: Disponível em: < <http://www.wefeelfine.org/>>.

Primeiro, antes de tudo, é importante revisitar as três formas do pensamento descritas por Deleuze e Guattari (2007). Para esses autores, a existência é pensada por três formas distintas, cada qual ocupada em organizar o caos virtual das intensidades e forças infinitas que perpassam nossas existências de uma forma particular. Enquanto a ciência se ocupa em resolver problemas, em modificar o estado das coisas com suas funções, equações e soluções, a arte produz e mexe com afetos e perceptos. Sobre, então, para a filosofia – e só para ela, na visão desses autores – a tarefa de produzir conceitos e de construir um plano no qual esses conceitos sejam abrigados. Assim, para Deleuze e Guattari, a ciência dá conta dos problemas solucionáveis, e a arte tem a potência de afetar as existências de uma forma sensível, especialmente fixando no tempo perceptos visíveis e visionados somente pelo artista. A filosofia é a forma do pensamento responsável pelas mudanças absolutas da realidade, pelos movimentos absolutos do mundo.

O cientista da informação desacelera as virtualidades em nome da referência, buscando solucionar o problema do volume inadministrável de dados; o artista extrai afetos e perceptos, como é o caso de Harris e Kamvar, que compõem, a partir de *tags* e perfis de usuários, blocos de sensações; e o filósofo lida com as intensidades em sua velocidade infinita. Essa teoria das três formas do pensamento de Deleuze e Guattari foi, indubitavelmente, o maior legado dos filósofos para a posteridade: nossa contemporaneidade. Porque, se aparentemente estamos em um labirinto digital fadado a nos sujeitar e a nos subjetivar de forma determinada e inescapável, de acordo com as análises sociológicas e marxistas expostas acima, resta-nos fugir delas. Fugir talvez passe por transgredir a busca de soluções científicas ou tecnológicas para lidar com dados, informação, processamento e maquinação, utilizando as outras formas de pensar: arte e filosofia. Ressaltamos: queremos algo novo? Precisamos pensar em linhas de fuga? Queremos resistir?

Se Castells ironiza, prescrevendo contrapoder e resistência na não utilização dos *smartphones* ou dos cartões de crédito, acreditamos que a fuga e a resistência podem se dar dentro dos cartões, por entre as alavancas, debaixo das engrenagens, por

cima, acima e fora das máquinas produtoras de poder, nas dobras entre indivíduos, máquinas, dados e processos.

Para isso, olhemos os dados, primeiro como dados visuais, já os pensando como objetos estéticos, capazes de afetar nossos comportamentos. Trazemos dois exemplos.

- a) Gráficos que visualizam decisões ou preferências nas redes sociais. Quando transformados em dados visuais, esses gráficos mostram uma beleza repleta de cor, força, movimento e sentido. Se imaginarmos um artista sentado na frente de uma tela em branco, registrando seus afetos e produzindo girassóis, retratos, paisagens capazes de afetar gerações de visitantes de galeria e museus; imaginemos os dados digitais vistos com a mesma perspectiva. Verdadeiras obras de arte que fixam em telas afetos infinitos, do caos virtual, gerados por uma multiplicidade de outros afetos (indivíduos, dados, informação). O grande dado, travestido de grande quadro pintado, com sua capacidade de afetar (e de ser afetado), numa escala exponencial inalcançável para o entendimento humano. Citamos o trabalho de Mark Hansen e Ben Rubin em *Listening post*, descrito por Modes (2014).
- b) O Memorial do 11 de Setembro, em Nova York, organiza os nomes das vítimas não em ordem alfabética, mas de acordo com o prédio em que as pessoas trabalhavam, sendo agrupadas por laços profissionais ou sentimentais. É um bom exemplo do que chamamos informação-afeto. Foram organizados 2.900 nomes, segundo miríades de conexões: quase 3.000 nomes, com mais de 1.000 proximidades ou adjacências entre eles. Ao comentar o algoritmo delineado para esse arranjo-afeto, Jer Thorp (2015), considerando-se um homem de tecnologia, mas também um artista de dados, afirma que o *big data* também pode desestabilizar as relações de poder, desde que coloquemos os dados à disposição de quem não tem poder. Ativista social em favor de causas democráticas, insiste na ideia de que os dados que geramos diariamente contam nossas histórias, e portanto fazem parte de nós, interação conosco, e, por isso, trata-se de artefatos humanos a que temos direito. Os dados são a nossa história, e não desejamos desaparecer neles, mas ressaltar nossa conexão no mundo através deles. Sem vigilância, sem apropriação indevida.

Como esclarece Schöch (2013, p. 1), ao escrever sobre humanidades digitais, outros profissionais que trabalham com estudos culturais ou literatura não reconheceriam seus objetos de estudo como “dados”, mas sim falariam de livros, pinturas ou filmes. Considerariam o que estão estudando como textos, imagem ou som, mas raramente falariam em “dados” como objeto de estudo, e, no entanto, nas humanidades, como em outras áreas, lida-se crescentemente com dados. Talvez fosse interessante repensar o *big data* como uma área visual, a exemplo de McKoster & Wilken (2014). A visualização de dados tem se apresentado numa interface entre ciência e arte. Dos três atributos do *big data* (volume, velocidade e variedade), discute-se mais volume e variedade no tocante às humanidades, e se reconhece que *big data* em humanidades é diferente do que em ciências ou economia.

McCosker e Wilken (2014) sugerem que tal grandeza dos dados, quando estes estão dispostos de forma visual, aproxima-se do conceito do sublime kantiano. Para Kant, o sublime é o absolutamente grande, aquilo que é grande não por ser comparável com outro grau de grandeza. Dizemos “Esta mesa é grande”, porque outra qualquer é pequena ou menor. O sublime é absolutamente grande, ou seja, não é resultado das

operações da imaginação ou do entendimento enquanto relação com dados empíricos, advindos da experiência. O sublime que nos desconforta, deixa-nos perplexos e, segundo Kant, faz-nos humanos é uma operação suprassensível, da razão com a razão, das ideias com as ideias, independe de qualquer experiência possível. Associar a ideia do sublime kantiano ao absolutamente grande *big data* nos fazer teorizar uma possível nova arma para novos tempos.

INFORMAÇÃO-AFETO COMO CONCEITO FILOSÓFICO, A LINHA DE FUGA

Poder é uma faculdade que se sobrepõe a grandes obstáculos.

Immanuel Kant, *Crítica da faculdade do juízo*, p. 103.

O sociólogo Castells (2015a) argumentou em prol de uma dialética poder-contrapoder enquanto roda da história. Relatou que o Estado e outras instituições não se modificam por si só, senão à base de choques, geralmente oriundos dos movimentos sociais, os quais se utilizam das tecnologias de informação e comunicação para se agenciarem, como conta Bentes (2014).

Poder-contrapoder, informação-contrainformação. Se há alguma dialética, antes há uma cartografia. São forças em direções contrárias que produzem novas armas e fazem percursos mudarem, então outra linha ou uma fuga criativa aparecem (DELEUZE; GUATARRI, 2012).

Um movimento de contrainformação ou informação-afeto, como temos preferido chamar (NOVACRUZ; MOSTAFA, 2014), pode ser considerado a busca pelas novas armas de que fala Deleuze (1992b) no texto sobre a sociedade do controle. Para a nova realidade, desenvolver novas armas. Assim, se pudermos pensar o processo da informação tanto como obra de arte e, mais consistentemente, como conceito filosófico, podemos propor linhas de fuga à relação de poder estabelecida pelo Estado e pelo mercado, tão importantes para a existência nesta nossa sociedade controlada.

Como afirma Spinoza (2009, p. 162), para contrapor um afeto triste – aquele que diminui nossa potência de agir ou de existir –, somente um afeto de força igual e direção contrária pode fazer frente (contramola). Então, diante do sublime *big data*, propomos resistir com um devir-sublime.

Tomemos de Kant o conceito de sublime como uma operação transcendental (independente do mundo e do que advém da experiência), que ao mesmo tempo em que nos apequena diante da imensidão da natureza, torna-nos capazes de perceber uma força transcendental (humana) que dá conta de conviver, apreciar e até mesmo imaginar controlar tais forças absolutamente grandes (PASCAL, 2011, p. 176-177).

A analogia do sublime kantiano com um sublime informacional, como sugerido por McCosker e Wilken (2014), permite-nos a licença de deslocar a operação transcendental de um sujeito pensante para uma relação de forças entre um absolutamente grande de fora (*big data*) e um absolutamente grande de dentro (devir-sublime).

Se a era digital criou um processo informacional híbrido (humanos e não humanos), tão complexo que colocado em rede oferece a todos os atores a possibilidade do poder de puxar alavancas, girar engrenagens e alterar a máquina, teorizamos que a força de resistência, a linha de fuga, está justamente em viver no tempo presente, no espaço real e cibernético, sempre devindo outra coisa possível. Sempre abertos, sempre pensando o novo. Atentos aos desejos maquínicos de toda a rede: desde os

desejos próprios do indivíduo, aqueles dos seus pares, e aos agenciamentos desejantes dos outros. Cientes e ciosos desse processo maquínico, podemos tolerar e nos manter inteiros e singulares, compartilhando espaços virtuais com aqueles que anteriormente distantes (detentores do poder), hoje rondam nossas casas, estão em nossos computadores e tocam nossos corpos.

O simples fato de nos sabermos peça atuante das máquinas informacionais e sermos tomados por um devir-sublime, uma força absolutamente potente, singular e também humana, faz-nos participar dos desejos maquínicos digitais de forma diferente. A potência de ser torna tudo diferente. Em outras palavras, devir-sublime é um conceito filosófico. É preciso enfatizar que, como conceito filosófico, o devir-sublime desloca o foco das soluções para o campo problemático, transcendental por natureza. Em vez das relações arborescentes de poder, encontrar potencialidades singulares dentro das multiplicidades virtuais. No lugar do poder vertical que nos condena invariavelmente à tristeza e nos desapodera, construir um devir-alegre, capaz de, de dentro das engrenagens, criar um mundo variável, onde diferença e repetição signifiquem sempre um novo devir. Acompanhando a alegria espinosista de Deleuze (1992b) como alternativa à revolução [re]inventemos um devir-revolucionário. Como cantam os artistas: “Quem não vacila mesmo derrotado/ quem já perdido nunca desespera/ e envolto em tempestade, decepado/ entre os dentes segura a primavera”!³

Falamos em devir-sublime em vez de sublime propriamente dito; em devir-revolucionário, em vez de revolução. Não sem poucas consequências. Trata-se de buscar a diferença, o novo, e este novo estará sempre do lado das minorias porque consiste “em considerar as linhas de fuga mais do que as contradições, as minorias de preferência às classes [...] buscar um estatuto para a ‘máquinas de guerra’ [...] ou de inventar novos espaços-tempos” (DELEUZE, 1992a, p. 212).

Humanizar os dados sem retornar ao humanismo significa identificar as forças que perpassam esse espaço híbrido, formado entre humanos e não humanos; entre homens, máquinas, dados, informação. Pensar as humanidades digitais como forças, fluxos de intensidade nos quais a potência revolucionária está justamente na compreensão e na apreensão das forças. As humanidades digitais, nesse ponto de vista, delineiam um campo de conhecimento ocupado em identificar de um lado e de outro, de todos os lados, as forças do poder e do contrapoder. Forças que também vêm de cima, do Estado e do mercado, mas também emergem, bifurcam, insurgem como potência de resistência, como linhas de fuga, quando há proposta de reunir o “povo que falta” na era digital: “O povo é sempre uma minoria criadora” (DELEUZE, 1992a, p. 214). Como insiste Deleuze ao avaliar a capacidade de resistência, “necessita-se ao mesmo tempo de criação e povo” (1992a, p. 218).

Artigo recebido em 05/07/2015 e aprovado em 23/09/2015.

³ “Primavera nos dentes”, canção do grupo Secos e Molhados. Disponível em: <<http://letras.mus.br/secos-molhados/70265/>>.

REFERÊNCIAS

BENTES, Ivana. Estéticas insurgentes e mídia-multidão. *Liinc em Revista*, v. 10, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/liinc/index.php/liinc/article/view/704/479>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

CAMARGO-VEGA, Juan José; CAMARGO-ORTEGA, Jonathan Felipe; JOYANES-AGUILAR, Luis. Conociendo *big data*. *Facultad de Ingeniería, Tunja*, v. 24, n. 38, jan. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0121-112920150001000006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 jul. 2015.

CARNEIRO, L. O que é *big data* e porque os médicos odeiam isso. 2013. Disponível em: <<http://timedicina.blogspot.com.br/2013/09/o-que-e-big-data-e-porque-os-medicos.html>>.

CASTELLS, M. Aula magna em comemoração aos 50 anos da Udesc. Florianópolis: Udesc, 2015a.

_____. A internet ameaçada. *Portal Fórum*, Porto Alegre, mar. 2015b. Seção Outras Palavras. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br/blog/2015/03/castells-a-internet-ameacada/>>. Acesso em: 13 jul. 2015.

_____. *A sociedade em rede*. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DATANAMI. Graph analytics carries much promise for the future of SS&H research computing [legenda de imagem]. 2014. Disponível em: <<http://www.datanami.com/2014/09/08/big-data-challenges-social-sciences-humanities-research/>>. Acesso em: 6 set. 2015.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992a.

_____. Post-scriptum sobre as sociedades de controle. In: _____. *Conversações (1972-1990)*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992b. p. 219-226.

_____. O ato de criação. *Folha de São Paulo*, v. 27, p. 4, 1999. Disponível em: <<http://www.filozcar.com.br/filosoficos/Deleuze/Gilles%20Deleuze%20-%20O%20ato%20de%20Cria%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O que é a filosofia?*. São Paulo: Ed. 34, 2007.

_____. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2012. v. 3.

FROHMANN, B. O caráter social, material e público da informação. In: FUJITA, M. S.; MARTELETO, R. M.; LARA, M. G. (Org.). *A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Fundepe, 2008.

GLEICK, James. *A informação: uma história, uma teoria, uma enxurrada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HARRIS, J.; KAMVAR, S. *We feel fine: an exploration of human emotion, in six movements*. 2006. Disponível em: <www.wefeelfine.org>. Acesso em: 15 jul. 2015.

KAMVAR, S. D.; HARRIS, J. We feel fine and searching the emotional web. In: *ACM INTERNATIONAL CONFERENCE ON WEB SEARCH AND DATA MINING*, 4., 2009, Nova York. *Anais...* Nova York: ACM, 2011. p. 117-126. Disponível em: <<http://www.wefeelfine.org/wefeelfine.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2015.

- KANT, I. *Crítica da faculdade do juízo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- LAZZARATO, M. *Signos, máquinas e subjetividades*. São Paulo: Edições Sesc São Paulo: N-1 Edições, 2014.
- LOPES, Ruy Sardinha *Informação, conhecimento e valor*. São Paulo: Radical Livros, 2008.
- MCCOSKER, A.; WILKEN, R. Rethinking “big data” as visual knowledge: the sublime and the diagrammatic in data visualisation. *Visual Studies*, v. 29, n. 2, 2014.
- MODES, Wes. Listening post ten years on. *NmediaC: the journal of new media and culture*, v. 9, n. 1, 2014. Disponível em: < <http://modes.io/listening-post-ten-years-on/> >. Acesso em 15 jul. 2015.
- NOVA CRUZ, Denise Viuniski da; MOSTAFA, Solange Puntel. Informação-afeto: real sem ser atual, ideal sem ser abstrata. *PerCursos*, v. 15, n. 29, p. 39-56, 2014.
- PASCAL, G. *Compreender Kant*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- PASQUINELLI, Matteo. Capitalismo maquínico e mais-valia de rede: notas sobre a economia política da máquina de Turing. *Lugar Comum: estudos de mídia, cultura e democracia*, Rio de Janeiro: Laboratório Território e Comunicação (LABTeC/ESS/UFRJ): Rede Universidade Nômade, n. 39, 2013. Disponível em: <http://uninomade.net/wp-content/files_mf/111206131220ProvaFinal2_LugarComum39.pdf>. Acesso em: 8 jul. 2015.
- PIMENTA, Ricardo M. *Big data e controle da informação na era digital: tecnogênese de uma memória a serviço do mercado e do Estado*. *Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação*, João Pessoa, v. 6, n. 2, jul./dez. 2013.
- REGALADO, A. Estudo de crowdsourcing com 30 mil imagens relacionando genes ao tamanho do cérebro. 3/01/2015 Disponível em: <http://www.technologyreview.com.br/read_article.aspx?id=46833>.
- RIBEIRO, C. J. S. *Big data: os novos desafios para o profissional da informação*. *Informação & Tecnologia*, João Pessoa, v. 1, n. 1, p.96-105, jan./jun. 2014.
- SARACEVIC, T. Entrevista. *InCID: revista de ciência da informação e documentação*, Ribeirão Preto, v. 1, n.2, p. 153-160, jul./dez. 2010.
- SANTOS, I. H. R. Big Data research and development at Petrobrás. Rio de Janeiro, 13 de maio de 2014. Palestra apresentada no 2 *EMC Summer School on Big Data*. EMC/NCE/UFRJ. Disponível em: <http://2014.emcbigdataschool.nce.ufrj.br/images/presentations/Ismael_BigDataTOOL_SummerSchool_v2.pdf>.
- SCHÖCH, Christof. Big? Smart? Clean? Messy? Data in the humanities. *Journal of Digital Humanities*, v. 2, n. 3, Summer 2013.
- SIQUEIRA, Leandro. *Somos todos transtornados: sujeições e servidões na sociedade de controle*. Salvador, 2011. Texto apresentado no XI Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, na Universidade Federal da Bahia (Ufba). Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307143274_ARQUIVO_artigoSomostodostranstornadoslusoafro.pdf>. Acesso em: 21 set. 2015.
- SPINOSA, B. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

THORP, JER. *Big data* “Uma nova maneira de contar histórias através dos dados.” São Paulo, AKS. Palestra 16 jun. 2015. Disponível em: <<http://www.kes.do/events/big-data-uma-nova-maneira-de-contar-historias-atraves-dos-dados>>. Acesso em: 6 set. 2015.